

## ASPECTOS FORMAIS E SEMÂNTICOS DAS SENTENÇAS RELATIVAS DO PB

Salete Valer<sup>1</sup>

**RESUMO:** As sentenças relativas do PB se apresentam de duas formas: sentenças com núcleo nominal explícito e sentenças sem núcleo nominal explícito (também chamadas de relativas livres). Objetivamos, aqui, mostrar os aspectos formais e semânticos mais relevantes que caracterizam e distinguem esses dois tipos de construção sintática.

**PALAVRAS CHAVE:** sentenças relativas, aspectos formais, aspectos semânticos.

**ABSTRACT:** *The relative sentences of the PB present of two forms: sentences with explicit nominal nucleus and sentences without explicit nominal nucleus (also called free relative). Here, we aim at show the formal and semantic aspects more relevant than they characterize and they distinguish these two types of syntactic construction.*

**KEYWORDS:** *relative sentences, formal aspects, semantic aspects.*

As sentenças relativas do PB se caracterizam como sentenças com núcleo nominal e sentenças relativas livres. Nosso objetivo aqui visa a apresentar, de forma superficial, com base em Valer (2008), Marchesan (2008), Grosu & Landman (2002), De Vries (2002), Van Riemsdijk (2000), Bianchi (1999, 2000), Sells (1985, 1986), entre outros, os aspectos formais e semânticos mais relevantes que caracterizam e distinguem esses dois tipos de construção sintática. Dessa forma, na seção 1, apresentaremos a definição de uma sentença relativa. Na seção 2, apontaremos os principais aspectos formais e, em 3, os principais aspectos semânticos de cada tipo de relativa comparando-as entre si. A seção 4 será dedicada às considerações gerais.

### 1. Definição de sentença relativa

---

<sup>1</sup> (Doutoranda-UFSC)

Uma sentença relativa (1), tal como uma sentença completiva (2) é uma sentença encaixada:

- (1) Eu encontrei o livro [que tu querias comprar].
- (2) O João disse [que encontrou o livro].

A sentença completiva [*que encontrou o livro*] está encaixada no verbo *dizer*, enquanto que a sentença relativa [*que tu querias comprar*] está encaixada no núcleo nominal *livro*.

As sentenças acima mostram que uma sentença relativa difere de uma sentença completiva por apresentar um constituinte que é compartilhado tanto pela sentença matriz quanto pela sentença encaixada. Em (1), o nome *livro* é objeto direto do verbo *comprar* na sentença matriz e ao mesmo tempo é objeto direto de *querias comprar* na sentença encaixada.

Vejamos o exemplo em (3):

- (3) a. A Maria tem uma amiga [que *ec* é muito divertida].
- b. A Maria tem uma amiga [que *ela* é muito divertida].

Dizemos que as sentenças encaixadas em (3) são sentenças relativas, tendo em vista que elas referem ao nome que imediatamente as antecede. A retomada desse nome pode ocorrer por meio de uma categoria vazia (*ec*) (3a) ou do pronome pessoal *ele*, chamado de resumptivo (3b). Dizemos também que o nome *amiga*, que antecede as sentenças relativas em (3), é o constituinte relativizado. Este nome é compartilhado pela sentença matriz e pela relativa e é chamado de núcleo nominal, porque é em torno dele que se constrói a relativização. Assim, sentença como em (3) são tradicionalmente chamadas de relativas com núcleo nominal (relativa NN).

Observemos as sentenças em (4):

- (4) a. O João me contou o medo [que ele sentiu *ec*].
- b. O João tem medo [que a Maria o deixe].

Das sentenças em (4), apenas a sentença encaixada [*que ele sentiu ec*] em (4a) deve ser reconhecida como uma relativa, tendo em vista que o nome *medo* é o núcleo nominal retomado pela categoria vazia na função de objeto do verbo *sentir*. Esse tipo de relativa é tradicionalmente analisado como um adjunto nominal, ou seja, a sentença encaixada é um adjunto do nome *medo*. Por outro lado, a sentença encaixada [*que a Maria o deixe*] em (4b), apesar de ser antecedida pelo mesmo nome *medo*, não deve ser considerada uma relativa. Essa diferença de análise deve-se primeiramente pelo fato de não existir nesta sentença uma categoria vazia que retome o núcleo nominal; em segundo lugar, [*que a Maria o deixe*] não é um adjunto do NP, mas um complemento do nome *medo*.

Quando uma relativa está encaixada em um núcleo nominal explícito, como em (5) ela é denominada de relativa com núcleo nominal; quando está encaixada em um núcleo nominal não explícito, como em (6), ela é denominada de relativa livre:

- (5) Eu encontrei a *pessoa* [*que a Maria beijou*].  
(6) Eu encontrei [*quem a Maria beijou*].

Em uma relativa NN, o núcleo nominal explícito, pode ser retomado na sentença relativa por uma categoria vazia (7a) ou por um pronome pessoal que é comumente chamado de constituinte resumptivo (7b):

- (7) a. Eu encontrei a *pessoa* [*que a Maria beijou ec*].  
b. Eu encontrei a *pessoa* [*que a Maria beijou ele*].

Nas relativas livres, o núcleo nominal não está explícito. Por isso, quem é retomado pela categoria vazia é o pronome relativo *quem*. Observe que o pronome relativo só pode ser retomado por uma categoria vazia como mostra a agramaticalidade da sentença em (8b).

- (8) a. Eu encontrei [*quem João beijou ec*].  
b. Eu encontrei [*quem João beijou \*ela*].

Outra característica das relativas livres (cf. seção 2) é que o pronome relativo que as encabeça sempre incorpora o que seria o núcleo nominal de uma relativa com núcleo. Dessa forma, os pronomes relativos que não apresentem essa capacidade de incorporação não podem iniciar uma relativa livre:

- (9) a. Eu vou encontrar [*quem* eu estou procurando].  
b. Eu vou encontrar *a pessoa* [*que* estou procurando].
- (10) a. \*Eu vi [*que* você acha bonito].  
b. Eu vi *o menino* [*que* você acha bonito].  
c. Eu vi *o presente* [*que* você ganhou].

O pronome relativo *quem* pode iniciar uma relativa livre porque ele incorpora o núcleo nominal *pessoa*. Da mesma forma ocorre com o pronome relativo *onde* que incorpora o núcleo nominal *o lugar (em) que*; *como* = (*d*)*a maneira que*; *quando* = (*n*)*o momento que*; *quanto* = *a quantia que* e *o que* = *a coisa que*. Já os pronomes relativos que não apresentam essa capacidade de incorporação, como é o caso do *que* (cf. (10)) que pode ter tanto um antecedente [+animado] quanto um [-animado], não podem iniciar uma relativa livre. Além do *que*, os pronomes relativos *qual* e *o cujo* não conseguem encabeçar efetivamente uma relativa livre, mas podem encabeçar uma relativa com núcleo:

- (11) a. \*Esta é [com a qual o João sai].  
b. Esta é a menina [com a qual o João sai].

Assim, podemos dizer que uma relativa é uma sentença encaixada que apresenta um constituinte que é compartilhado com a sentença matriz. Esse constituinte, chamado de núcleo nominal, é explícito nas relativas com núcleo e implícito (incorporado no pronome relativo) nas relativas livres. Além disso, verificamos que nem todos os pronomes relativos que podem encabeçar uma relativa com núcleo podem encabeçar uma relativa livre. Este é o caso do *que*,

*cujo* e *qual* que podem encabeçar uma relativa com núcleo, mas não uma relativa livre. Na próxima seção vamos examinar os aspectos formais das sentenças relativas.

## 2. Aspectos formais das sentenças relativas

São vários aspectos formais que diferenciam uma relativa NN de uma relativa livre. Como primeiro aspecto, podemos apontar a presença de um núcleo nominal nas relativas NN e ausência desse núcleo nas relativas livres:

- (12) a. Eu encontrei a *pessoa* [com quem tu querias conversar *ec*].  
b. Eu me encontrei [com quem tu querias conversar *ec*].

Na sentença matriz de (12) há um núcleo nominal explícito: *pessoa*. Esse núcleo é retomado na sentença encaixada por um pronome *Wh*, que, posteriormente, se alça para SpecCP para a relativização deixando naquela posição uma categoria vazia. Já em (12b), o núcleo nominal não está explícito, embora essa sentença tenha a mesma interpretação da sentença em (12a).

Marchesan (2008) analisa as relativas livres e aponta que algumas análises (cf. MEDEIROS JÚNIOR, 2005) atribuem a falta do núcleo nominal (e de todo o DP) ao fato de ele estar incorporado no pronome relativo. Assim, o pronome relativo *quem* incorpora o núcleo nominal *pessoa*; *o que* incorpora o núcleo nominal *coisa*; *onde* incorpora o núcleo nominal *lugar*; *quando* incorpora o núcleo nominal *momento*; *quanto* incorpora o núcleo nominal *quantia* e *como* incorpora o núcleo nominal *modo*. O fato de um pronome relativo poder incorporar um núcleo nominal, de acordo com Bresnan & Grimshaw (1978) e Caponigro (2002), faz com que a relativa livre tenha a distribuição de um DP.

O segundo aspecto que distingue essas relativas é o tipo de elemento relativo que se encontra na periferia esquerda. As relativas NN, de acordo com Valer (2008), podem ser introduzidas pelos seguintes elementos:

- (13) a. Tu te lembravas daquela *época* [*quando* nós jogávamos futebol], aquele dia, tu deste aquela canelada no cara”, e aí vem aquele papo. (SCFLP02MAPRI 512) <sup>2</sup>.  
b. [...], talvez pelo *modo* [*como* a Adriana morreu]. (SCFLP11FAGIN385)  
c. Mas, geralmente, quem pega serviço na própria *capital* [*onde* mora], casa na redondeza, tranqüilo. (SCFLP04MAPRI282)  
d. Encontrei o *ônibus* [*que* levava a gente no colégio].  
e. Encontrei a caneta [*com a qual* eu escrevi a mensagem].  
f. Encontrei a *moça* [*cuja* mãe viajou].  
g. Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima quer dizer acima do peso [*para o que* ela (a rodovia) foi construída]. (D2 SSA) <sup>3</sup>.  
h. Encontrei a *moça* [*com quem* você falou na semana passada].  
i. Maria descobriu o *valor* [*por quanto* Pedro comprou o livro].

Entre os itens acima, *quem*, *o que* e *quanto* sofrem algumas restrições de ocorrência, como os exemplos agramaticais abaixo mostram:

- (14) a. Encontrei a *moça* [*\*quem* você viu na semana passada].  
b. Eu vou comer a *comida* [*\*o que* você cozinhar].  
c. Maria descobriu o *valor* [*\*quanto* Pedro pagou pelo livro].

Em (14) os itens *quem*, *o que* e *quanto* estão adjacentes ao núcleo nominal e as sentenças são agramaticais. Mas, se esta adjacência é rompida pela presença de uma preposição, como vemos em (13g-i) acima, a sentença é gramatical.

Ao observarmos os itens lexicais que introduzem as relativas acima, é relevante ressaltar, como já foi brevemente explanado na seção 1, que todos os itens lexicais acima podem introduzir relativas NN, mas nem são adequados para introduzir relativas livres como mostra (15a, c). Em (15c), a presença do constituinte *o qual* introduzindo uma relativa livre torna a sentença

---

<sup>2</sup> Exemplos dos dados de pesquisa extraídos do *corpus* do VARSUL.

<sup>3</sup> Exemplo de *o que* de Kato *et alii* (2008) retirado do *corpus* do projeto NURC.

agramatical. Isso ocorre porque o constituinte *qual* tal como *que* e o *cujo*, por suas características específicas, não conseguem incorporar o núcleo nominal ao qual estão adjacentes.

- (15) a. Eu comprei [o que / \*que tu querias comprar *ec*].  
b. Eu comprei o livro [que tu querias comprar *ec*].  
c. Eu comprei [\* o qual tu querias comprar].

Terceiro aspecto formal de distinção entre relativas NN e relativas livres é o fato de as Relativas NN, mas não as relativas livres, poderem ter na posição argumental relativizada um resumptivo:

- (16) \*Eu comprei [o que tu querias comprar *ele*].  
(17) Eu comprei o livro [que tu querias comprar *ele*].  
(18) \*Esta é a pessoa [de quem a Maria gosta dela].

Por ser uma relativa livre, a sentença, entre colchetes, em (16) não permite a presença de um resumptivo. Isso não é observado na sentença em (17) por conter uma relativa com núcleo nominal explícito. Porém, mesmo contendo uma relativa com NN a sentença em (18) não aceita a inserção de pronome resumptivo. Uma explicação para isso é a de que a relativa com NN não aceita que a posição relativizada seja preenchida com resumptivo e na periferia esquerda haja um item lexical do tipo *quem*, entre outros.

O quarto aspecto formal<sup>4</sup> que distingue as relativas em questão é sua função sintática. Pela análise tradicional (Chomsky, 1977), a relativa com núcleo nominal é vista com um adjunto do nome (= núcleo nominal):

- (19) Eu conheço o menino [[de quem]<sub>i</sub> você falou *ec*]<sub>i</sub>].

---

<sup>4</sup> Não mostraremos aqui as diferentes teorias referentes às funções sintáticas, para maior compreensão ver Valer (2008) e Marchesan (2008).

Em (19) a relativa com núcleo, entre colchetes, funciona como adjunto adnominal do nome *menino*. Nessa sentença, o pronome relativo é gerado no domínio de IP e, ao se mover para SpecCP, deixa uma variável na posição relativizada. Observe que, em (19), o núcleo nominal *o menino* é o constituinte relativizado e essa relativização ocorre através do SpecCP.

Já no modelo de alçamento de Kayne (1994), a sentença relativa é analisada como um CP complemento do determinante:

(20) Eu conheço [<sub>DP</sub> o [<sub>CP</sub> [<sub>PP</sub> [<sub>NP</sub> menino]<sub>k</sub> de quem ec<sub>k</sub>]<sub>i</sub> você falou ec<sub>i</sub>]].

Em (20), o item *Wh* é gerado, no domínio do IP, como um determinante que seleciona o núcleo nominal e ambos são movidos para a periferia esquerda.

Ao contrário do que ocorre com a relativa com núcleo, uma relativa livre, nunca pode ser um adjunto de um núcleo nominal tendo em vista que esse núcleo não está explícito (esta incorporado no item *Wh* que a introduz). Por conta desse fato, a relativa livre pode desempenhar as funções sintáticas de argumento, adjunto do VP ou predicativo:

(21) a. Eu encontrei [[<sub>DP</sub> quem] conversou contigo ontem]].  
b. Ter receio de [<sub>DP</sub> quem bebe] é normal.

(22) a. João comprou uma casa [<sub>PP</sub> de [<sub>DP</sub> quem] ele mais gosta].  
b. Ele vendeu o carro [<sub>PP</sub> por [<sub>DP</sub> quanto] você sugeriu].

(23) a. Ela chegou [<sub>PP</sub> quando] a Maria saiu].  
b. João comprou a casa [[<sub>PP</sub> onde] a Maria morava].  
c. Ele foi à festa [[<sub>PP</sub> como] eu pedi].

(24) a. A Suzanita é [<sub>DP</sub> [<sub>DP</sub> quem] [<sub>DP</sub> ec] quer casar].  
b. O que ele estuda é [<sub>DP</sub> [<sub>DP</sub> o que] eu quero estudar [<sub>DP</sub> ec]].

Em (21a), a relativa livre, [*quem conversou contigo ontem*] é complemento do verbo *encontrar* e, em (21b), a sentença [*quem bebe*] é complemento da preposição funcional *de* e todo o PP é complemento do nome *receio*. Em (22), as relativas [*quem ele mais gosta*] e [*quanto você sugeriu*] são argumentos das preposições lexicais *de* e *por*, respectivamente, e todo PP lexical é adjunto de VP. Em (23), as relativas livres, neste contexto, compreendidas como um PP são elas próprias adjunto do VP. Por fim, as relativas livres livre, entre colchetes em (19), apresentam a função sintática de predicativo.

Assinalamos os requerimentos de compatibilidade do pronome relativo como o último aspecto formal de distinção entre relativas.

Como apontamos acima, quando o item *Wh* na periferia esquerda da relativa incorpora o núcleo nominal, a relativa assume a distribuição de um DP e, nessa condição, deve obedecer aos requerimentos de compatibilidade categorias do núcleo da sentença matriz (20), diferentemente do *Wh* das relativas NN (21):

(20) a. Eu conheço [DP [DP *quem* você falou [PP **ec**]]].

b. \*Eu conheço [DP [PP *com quem* você falou [PP **ec**]]].

(21) Eu conheço a pessoa [PP *com quem* você falou [PP **ec**]].

Em (20a), o verbo *conhecer* seleciona um DP como complemento e o item relativo que introduz a relativa livre é da categoria DP. (20b) é agramatical, pois o item *Wh com quem* obedece aos requerimentos do verbo *falar* da sentença encaixada e não obedece aos requerimentos do verbo *conhecer* da sentença matriz, que seleciona um DP como seu complemento. Em (21), o *Wh* é gerado como complemento da preposição *com* e todo o PP obedece aos requerimentos do verbo *falar* da sentença encaixada; posteriormente, move-se para a periferia esquerda da relativa. Como os requerimentos do verbo *conhecer* da sentença matriz são atendidos pelo núcleo nominal *pessoa*, não cabe mais ao *Wh* obedecer aos requerimentos desse núcleo.

## 2 Os aspectos semânticos das sentenças relativas

Nesta seção vamos observar como as relativas livres se distinguem das relativas com núcleo nominal no que diz respeito ao aspecto semântico.

As relativas livres (22) semanticamente distintas das relativas NN (23) é a forma como o item *Wh* é interpretado em relação à sentença matriz:

- (22) Eu vou comer [o que o garçom trazer].
- (23) a. Eu tenho uma vizinha [que faz doce pra vender].  
b. Eu tenho uma vizinha, [que faz (ela) doce para vender].  
c. Eu trouxe comigo os três livros [que havia sobre a mesma].

Relativas livres, como em (22), apresentam uma semântica de maximização. Van Riemsdijk (2000), Grosu & Landman (2002) e De Vries (2002) afirmam que as relativas livres podem ter uma interpretação definida ou universal:

- (24) a. I ate what the waiter put on my plate.  
a'. I ate *the thing* that the waiter put on my plate.
- b. I will eat whatever the waiter will put on my plate.  
b'. I will eat *anything/everything* the waiter put on my plate.

(24a) apresenta uma leitura definida, como observamos pela paráfrase em (24a'). Já (24b) temos uma leitura universal. A sentença de (24b) pode ter duas leituras: a) com o quantificador *anything* teremos a paráfrase [*eu irei comer qualquer coisa de um conjunto de itens que o garçom colocar no meu prato*] - leitura chamada de *free choice any*; b) com o *everything* teremos a paráfrase [*eu*

*irei comer todos os itens (de comida) que o garçom colocar no meu prato*]. Não podemos deixar de mencionar que (24a) também pode ter uma leitura universal (VAN RIEMSDIJK, 2000):

(25) I will eat what happens to be on the menu.

Pelo fato de as relativas livres apresentarem uma leitura definida e/ou universal, Jacobson (1995 *apud* VAN RIEMSDIJK, 2000), assim como Grosu e Landman (1998) formularam uma unificação dessas duas leituras através da noção de entidade plural máxima (*maximal plural entity*). Portanto, as relativas livres apresentam uma semântica de maximização cuja interpretação pode ser definida ou universal. De acordo com Jacobson, uma relativa livre denota um conjunto de entidades plurais. Com a inserção do *Wh* esse conjunto de entidades plurais se transforma em um conjunto unitário que contém somente os indivíduos plurais máximos. Ou seja, o *Wh* denota uma função que é aplicada a um conjunto de indivíduos e retorna como um conjunto único que contém um individual plural máximo (uma entidade atômica simples) – isso dá conta da leitura definida ou universal.

As sentenças relativas NN, de acordo com (Grosu, (2002) e Grosu & Landman (1998), com base em Milsark (1974), Carlson (1977), Sells (1985; 1986), Heim (1987), Srivastav (1991), Postal (1994) e Bianchi (1999), têm três tipos semânticos: restritivas e apositivas e maximizadas). As restritivas e as apositivas têm a interpretação semântica fora do CP, enquanto que as maximizadas têm a interpretação dentro do CP, mais especificamente, na posição relativizada.

Nas relativas NN, a diferença entre restritivas e apositivas está na forma com que o determinante externo e núcleo nominal se combinam para se relacionar com o *Wh*. Para Grosu (2002, p. 146), nas apositivas, a relativa forma um constituinte com todo o DP, enquanto que nas restritivas a relativa forma um constituinte apenas com o núcleo nominal. Assim, uma sentença relativa como (26) pode ter uma interpretação restritiva (26a) ou uma interpretação apositiva como (26b):

- (26) Eu tenho uma vizinha [que faz doce para vender].
- a. Eu tenho *UMA* vizinha [que faz doce para vender].
  - b. Eu tenho *UMA VIZINHA* [que (ela) faz doce para vender].

Na leitura restritiva de (26a) a relativa forma um constituinte com o núcleo nominal *vizinha*. Esse núcleo nominal *vizinha* designa um conjunto (conjunto das vizinhas) que é interseccionado com o conjunto designado pela relativa (conjunto daqueles que fazem doce para vender). O resultado dessa interseção é o valor semântico do determinante: apenas “um” indivíduo que é *minha vizinha* – há outras vizinhas, mas somente uma delas faz doce para vender. Aqui, tanto o material interno quanto o externo são fundamentais para a interpretação da relativa.

Na leitura apositiva, (26b), *eu tenho somente uma vizinha, que a propósito, ela faz doce para vender*. Aqui a relativa especifica o significado do DP *uma vizinha*, ao contrário da leitura restritiva de (26a) em que a relativa restringe o significado no núcleo nominal. Nas apositivas há o conjunto designado pelo DP (conjunto das vizinhas=uma vizinha) e nele está contido o conjunto designado pela relativa (conjunto daqueles que fazem doce para vender).

As relativas apositivas funcionam muito mais como modificadores de todo o DP, por isso, nessa estrutura, o material externo (determinante mais núcleo nominal) é mais importante do que o material interno (relativa).

De acordo com De Vries (2002), além da intersecção de conjuntos, a semântica das relativas pode ser observada através das relações de acarretamento:

- (27) a. Eu tenho *uma vizinha*, que ela faz doce pra vender. ↓  
b. Eu tenho uma vizinha.
- (28) a. Eu tenho *uma vizinha* que faz doce pra vender. ↙  
b. Eu tenho uma vizinha. (*uma* = numeral)

Nas apositivas, mas não nas restritivas há uma leitura de acarretamento: em (27b), a exclusão da relativa acarreta ou garante o conteúdo da matriz da sentença em (27a); isso ocorre porque a relativa contida nas apositivas funciona como um aposto. Já em (28b), a ausência da relativa não acarreta ou garante o conteúdo da matriz da sentença em (28a). A impossibilidade do acarretamento nas restritivas decorre do fato de que o conteúdo presente na relativa forma um constituinte único com núcleo nominal da sentença matriz.

De acordo com Sell (1985, p. 02), em se tratando da característica do nominal das relativas NN, as apositivas combinam com nominais [+referenciais], mesmo que os mesmos sejam indefinidos (29), enquanto que restritivas combinam com quantificadores como em (30):

- (29) a. Eu não vi *Tropa de elite*, que está passando no cinema.  
b. \*Eu não vi *Tropa de elite* que está passando no cinema.
- (30) a. João tem viajado para *cada estado* (\*,) que pertence ao Brasil.  
b. Maria não tem comido *nenhum peixe* (\*,) que tenha vindo do Rio.

No entanto, as sentenças abaixo mostram que nominais indefinidos (não-quantificados) (31) e nominais quantificados (32), que se encontram sob escopo de quantificadores, também podem ser acessíveis às apositivas, mesmo sendo [-referenciais]:

- (31) Cada produtor de uva de Caxias do Sul possui *um trator a diesel*, que ele usa quando faz a colheita.
- (32) Um tutor registrará *cada aluno*, que é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente.

Em (31), o nominal *um trator a diesel*, antecedente do *Wh* não é um nominal referencial, pois está sob escopo de um operador mais alto, mesmo assim, é aceitável com relativas apositivas. Para sentenças como as de (31), Sells (1985, p. 3), com base nos estudos de Haik, Heim e Kamp, propõe uma análise não-quantificacional para nominais indefinidos (bem como definidos) mostrando que indefinidos se comportam como nomes em alguns aspectos e, por isso, podem aparecer sob escopo de operadores quantificacionais.

De acordo com Sells (1985/1986), nas restritivas, a relação entre o núcleo nominal e o *Wh* é caracterizada por uma vinculação sintática. Para sentenças em que a relação entre nominal e *Wh* não pode ser de vinculação nem de co-referencialidade, como em (31) e (32), o autor propõe uma relação de interpretação dita *cospecification*:

Cospecification has different truth-conditions from the bound interpretation, [...] and we have also seen that cospecification cannot be subsumed under coreference. Binding is syntactically-licensed anaphora, cospecification is anaphora licensed in discourse, and coreference is not really anaphora at all (SELL 1985 p. 30)<sup>5</sup>

Dessa forma, sentenças apositivas<sup>6</sup> como em (33) podem se estruturar com uma variedade de relações entre o DP e operador relativo:

- (33) a. João, *que* trabalha na empresa, é meu primo.  
a' *João* é meu primo. *Ele* trabalha na empresa.  
b. João tem três ovelhas, *que* Maria alimenta (elas).  
b' João tem *três ovelhas*. Maria *as* alimenta.  
c. Um tutor registrará cada aluno, *que* é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente.  
c'. Um tutor registrará *cada aluno*. *Ele* é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente.

Em (33a), o *Wh que* é co-referente do DP *João*; em (33b) o *Wh* é uma anáfora do tipo anáfora-E (Evans) em que cada variável individual presente no operador relativo retoma um referente do DP *três ovelhas* [*Para cada ovelha que João tem é o caso que Maria alimenta ela*]. Se o DP estruturado com um quantificador universal estiver sob escopo de um quantificador como em (33c), o *Wh* será também uma anáfora-E (Evans) que Sells denominou de *cospecification* em que

---

<sup>5</sup> A *cospecification* tem condições de verdade diferente da interpretação de vinculação,[...] e vimos também que a *cospecification* não pode ser compreendida dentro da co-referência. A vinculação é uma anáfora licenciada sintaticamente; a *cospecification* é uma anáfora licenciada no discurso; e a correferência, na verdade, não é uma anáfora. (SELL 1985 p.30).

<sup>6</sup> (i) *John, who/\*that* works for the Cia, is my cousin.  
(ii) John owns *three sheep, which/\*that* Mary feeds.  
(iii) A tutor will register *each student, who/\*that* is then responsible for getting his paper to the Dean's office on time.

O grupo de sentenças acima mostra que no PB a relativização nas apositivas pode ocorrer com o item lexical *que* ou com o *qual*, enquanto que no inglês essas construções relativizam necessariamente com o elemento *Wh*.

[*tem um tutor y tal que para todo x aluno, y registrará x & x leva documentos de x para o chefe pontualmente*]. De acordo com Pires de Oliveira (conversa pessoal) nessa anáfora-E, a segunda ocorrência da variável *x* não está vinculada ao quantificador *cada* e não pode ser uma anáfora comum, porque o sintagma antecedente é quantificado.

As sentenças acima mostram que tanto nominais quantificados quanto não-quantificados sob escopo de um quantificador podem ser acessíveis a uma relativa apositiva, o que a torna semelhante a uma sentença independente como em (33 a'-c').

Com base nessas evidências, Sells propõe que nas apositivas o DP seja um “antecedente” do *Wh* e sua indexação ocorre no discurso. Como o *Wh* não é c-comandado pelo DP, esse *Wh* é caracterizado como uma anáfora e não uma variável. Por outro lado, nas restritivas a relação entre o núcleo nominal e o *Wh* corresponde a uma vinculação sintática, pois o *Wh* além de ter o mesmo índice do núcleo nominal é c-comandado por esse constituinte.

Uma relativa NN tem semântica de maximização quando, em termos gerais, a relativa contém um contexto de inserção do *there*. Na língua inglesa, a relativização, nesse contexto, ocorre com o *that* ou o operador vazio, mas não com o operador relativo *which*:

- (34) a. *I took with me the three books [that/∅/ \*which there were on the table].*  
a'. *Eu trouxe comigo os três livros [que/\*os quais havia em cima da mesa].*

Em (34), a relativa, entre colchetes, contém um verbo existencial impessoal e a lacuna da relativização está em uma posição que é aberta ao efeito de definitude<sup>7</sup>. Como os contextos existenciais selecionam argumentos indefinidos, o *which*, por ser mais definido, não pode ser gerado nessa posição.

De acordo com Grosu & Landman (1998, p. 136), essas estruturas *degree* só podem ocorrer com determinantes universais, com definidos e partitivos:

<sup>7</sup> Grosu & Landman assumem a teoria de Milsark (1974) em relação ao conceito de “efeito de definitude” e apontam as seguintes propriedades dessa derivação:

- (i) “*The there-insertion context*” contém uma operação que tem de dar lugar a uma variável na posição que está aberta ao efeito de definitude.  
(ii) Relativização com relativos *which* age de forma abstrata sobre a variável na posição relativizada.  
Essas duas operações precisam vincular a mesma variável, o que significa que a operação mais alta, a abstração, é vácuca, isto é, o relativo *which* não vincula uma variável.

- (35) a. *I took with me every book/any books/the books/ the three books/ three of the books that there was/were on the table.*
- a'. Eu trouxe comigo todos/ quaisquer livros/ os livros/ os três livros/ três dos livros que havia em cima da mesa.
- b. \* *I took with me three books/few books/ many books/ some books/most books/ no books that there were on the table.*
- b'. \* Eu trouxe comigo três livros/ alguns livros/muitos livros/ poucos livros/ nenhum livro que havia em cima da mesa.

A relativa NN maximizada é interpretada como um conjunto de gradação e o ponto crucial para essa interpretação semântica é a expressão de gradação nula *d many books* que está acessível dentro da relativa. O núcleo nominal *books* já está interpretado semanticamente na posição mais baixa dentro da sentença relativa. Esse fato deve ser entendido como “o conjunto de todas as gradações<sup>8</sup> (d) tal que existe uma soma (quantidade) de *d muitos livros* em cima da mesa” (GROSU & LANDMAN, 1998, p. 128, tradução nossa). Esse núcleo nominal assume um papel de classe ou tipo (a classe dos livros) dentro da relativa.

#### 4. Considerações gerais

Neste artigo definimos uma sentença relativa como uma sentença encaixada, porém, diferenciamos-la de uma completiva pela característica específica do elemento relativizado, que, presente na sentença matriz, pode ser retomado na sentença encaixada, por uma categoria vazia ou por um constituinte.

---

<sup>8</sup> Além da operação de maximalização de quantidade, a expressão *d many* pode referir também a uma operação de maximalização de substância (i) ou de eventos como em (ii):  
(i) Vamos demorar o resto de nossas vidas para bebermos o *champagne* \*o qual/que eles derramaram naquela manhã].  
(ii) Toda hora \*a qual/ que a campainha tocava eu abria a porta.

Mostramos também os principais aspectos formais que distinguem uma relativa NN de uma relativa livre, entre os quais, está a presença de um núcleo nominal explícito nas relativas NN e a ausência deste nas relativas livres; o tipo do item lexical que introduz a relativa encaixada, a presença de um resumptivo nas relativas NN, mas não nas relativas livres; as diferentes funções sintáticas da encaixada e os requerimentos que o *Wh* atende quando está na periferia esquerda da relativa.

Além dos aspectos formais acima, o aspecto semântico mais relevante que distingue as relativas refere à interpretação do *Wh* e sua relação com a sentença matriz. Assim, nas relativas livres, o item *Wh* é interpretado em specCP e tem uma semântica de maximização. Nas relativas NN restritivas, o *Wh* restringe o sentido do núcleo nominal da sentença matriz; nas relativas NN apositivas, o *Wh* especifica todo o DP presente na sentença matriz e nas relativas NN maximizadas a interpretação do *Wh* é a expressão de gradação nula *d many [NP]* acessível dentro da relativa (na posição relativizada), que denota um conjunto de gradação máxima do núcleo nominal.

## Referências

- AREAS, E. K. Nunes. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro. 2002
- BIANCHI, V. *Consequences of antisymmetry: headed relative clauses*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Headed relative clauses in generative syntax – Part I*: Glot International Vol. 6, No. 7, September 2002a p. 197-204.
- \_\_\_\_\_. *Headed relative clauses in generative syntax – Part II*: Glot International Vol. 6, No. 8, October. 2002b. P.197-204.
- BORSLEY, R. D. *Relative clauses and Theory of Phrase structure*. Linguistic Inquiry. V. 28. N.4. 1997. p.629-647.
- BRESNAN, J. & GRIMSHAW, J. *The syntax of free relatives in English*. Linguistic Inquiry, Massachusetts, v. 3, n. 9, p. 331-391, verão 1978.
- BROWNING, M. *Null Operator Constructions*. PhD dissertation, MIT. 1987

- CAPONIGRO, Ivano. Free relatives as DPs with a silent D and a CP complement. In: SAMIIAN, Vida (ed.). *Proceedings of the Western Conference on Linguistics 2000 (WECOL 2000)*. Fresno, CA: California State University, 2002. p. 140-150. Disponível em <[http://ling.ucsd.edu/~ivano/Papers/WECOL00\\_Paper.pdf](http://ling.ucsd.edu/~ivano/Papers/WECOL00_Paper.pdf)>. Acesso em: 04 março 2007.
- CHOMSKY, N. On Wh-movement. In: CULICOVER, P.W.; WASOW, T. & AKMAJIAN, A. (eds) *Formal Syntax* .1977. p. 71–132. New York: Academic Press.
- DE VRIES, M. *The Syntax of Relativization*. Netherlands: LOT, 2002.
- GROSU, A.. *Strange relatives at the interface of two millennia*. Glot International Vol. 6, N. 6. Junho 2002, p.145-167.
- \_\_\_\_\_. & LANDMAN F. *Strange Relatives of the third kind*. Natural Language Semantics 6. 1998. p.125-170.
- KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press. 1994
- MARCHESAN, A.C. *As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UFSC, Florianópolis. 2008.
- MEDEIROS JUNIOR(a), P. *Sobre sintagmas-Qu e relativas livres no português*. 2005. 107 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- PROJETO VARSUL (*Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil*). [www.cce.ufsc.br/~varsul/estrutura.htm](http://www.cce.ufsc.br/~varsul/estrutura.htm). Acesso em 06.05.2007
- SELLS, P. *Restrictive e Non-restrictive modification*. Report#CSLI-85-28. Stanford:Stanford University. 1985.
- \_\_\_\_\_. *Coreference and bound anaphora: a restatement of the facts*. Proceedings of the 16<sup>th</sup> Conference of the Northeast Linguistic Society [NELS 16], 434-46. McGill University. 1986.
- VALER,S. *As sentenças relativas com núcleo nominal nos dados de fala (projeto Varsul) de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UFSC, Florianópolis. 2008.
- VAN RIEMSDIJK, H. Free relatives. *SynCom (Syntax Companion, an (electronic) encyclopedia of syntactic case studies) case 44*. LingComp Foundation: August, 2000. p. 1-53.